CÂMARA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE

RELATÓRIO DO SEMINÁRIO

POLÍTICAS SOBRE DROGAS - O QUE FAZ A SOCIEDADE CIVIL?

DATA: 26/6/18

Realizadora: Comissão de Saúde e Saneamento

Local de realização: Plenário Amynthas de Barros

9h21min - Abertura

Composição da Mesa:

- vereadora Marilda Portela;
- vice-prefeito de Belo Horizonte, Paulo Lamac;
- representante da Central de Tratamento de Alcoolismo e Dependência Química - Centradeq, Ivan Pinto;
- representante da Associação Brasileira Comunitária para a Prevenção do Abuso de Drogas - Abraço, Wesley Reis Coelho;
- representante da Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas - Febract, Belisário Gomes Pena;
- representante da Federação Amor-Exigente - Feae, João Francisco de Souza Duarte;
- representante do Escritório Local em Belo Horizonte do Alcoólicos Anônimos - AA, Souza.

9h25min - Execução do Hino Nacional

9h30min - Pronunciamento

A vereadora Marilda Portela considerou importante a realização deste seminário, que pode contribuir de modo efetivo para as discussões dessa política nacional, quando se comemora, oficialmente, "A Semana Nacional de Políticas sobre Drogas" e o "Dia Internacional de Combate às Drogas". Ressaltou o interesse da sociedade em encontrar soluções para essa questão. Afirmou que o combate das drogas não é uma causa perdida. Destacou o esforço dos governos municipal, estadual e nacional em elaborar políticas que visem à diminuição

dos malefícios que as drogas causam tanto para a coletividade quanto para o usuário. Disse acreditar que a discussão será proveitosa e trará reflexões e propostas que poderão ser utilizadas pelos entes federativos na elaboração de políticas públicas sobre drogas. Passou a direção do seminário ao representante da Feae, João Francisco de Souza Duarte.

O representante da Feae, João Francisco, agradeceu à CMBH por acolher os convidados que procederão à exposição dos trabalhos e das ações desenvolvidas no combate às drogas. Afirmou que os participantes deste seminário não têm a solução do problema, mas, com dedicação e amor ao que fazem, contribuem diariamente para amenizar o sofrimento de dependentes e de seus familiares. Disse que o trabalho dessas pessoas e entidades é feito muitas vezes sem divulgação, recursos financeiros e apoio que gostariam de ter. Ressaltou que as pessoas dessas entidades possuem a determinação de ajudar os que precisam. Explicou que Souza, representante do AA, em respeito à tradição do anonimato dessa entidade não ocupará lugar na Mesa. Ponderou que esse anonimato do AA é fonte de inspiração para as demais entidades presentes na Mesa, por entenderem que personalidades não devem disputar proeminência com o trabalhado que realizam.

9h45min - Palestra

Palestrante: Souza, representante do Escritório Local em Belo Horizonte do AA.

Síntese da palestra: o AA exerce suas atividades há 83 anos, com a missão de oferecer uma solução leiga para o alcoolismo. A proposta do AA é ajudar aqueles que desejam parar de beber e, para isso, prestam o atendimento às pessoas, independentemente de opção sexual, crença religiosa, raça, cor ou classe social. Ressaltou que o serviço oferecido ao usuário é custeado por contribuições de voluntários, membros da entidade e usuários em tratamento. Disse que o AA não se vincula a entidade religiosa, partido político ou a qualquer outra entidade organizada do Estado ou da sociedade civil. Afirmou que o propósito da entidade é restaurar a sobriedade dos dependentes. Disse que o AA corrobora com o conceito difundido pela Organização Mundial da Saúde - OMS, segundo a qual, o alcoolismo é uma doença que atinge o espírito, a emoção e a mente do alcoólatra. Explicou que a pessoa dependente da bebida alcoólica não consegue dispor de discernimento suficiente para dominar sua vontade e parar de beber, fato que acontecera com ele. Disse que, para o viciado prevalece a frase: “uma dose é muito, mas 20 não satisfazem”. Esclareceu que o AA não procede à

classificação da pessoa como alcoólatra, pois é a própria pessoa que deve reconhecer sua condição e procurar a ajuda dessa entidade. Informou existirem grupos do AA espalhados em diversos municípios do Brasil, o que facilita ao alcoólatra a busca pelo tratamento. Informou que constitui princípio do AA o anonimato das pessoas em recuperação ou de colaboradores, com o objetivo de impedir a autopromoção. Reportou-se a fato indesejado ocorrido no início da fundação da entidade, em 1935, ocasião em que algumas pessoas que se tratavam na entidade acabaram influenciando de modo negativo a sua imagem. Fez menção à história de fundação do AA, nos Estados Unidos da América - EUA, a partir da união de duas pessoas alcoólatras que se propuseram a cessar o uso de bebida alcoólica: um deles, o médico Dr. Bob, e o outro, o corretor de bolsa de ações Bill. Contou que os dois alcançaram seu propósito de parar de beber a partir da estratégia do diálogo sobre os males que a bebida lhes causava. Contou que o sucesso dessa história está registrado no filme "Meu nome é Bill". Informou que o AA foi instituído em alguns municípios brasileiros nas seguintes datas: em 5/9/1947, no Rio de Janeiro; em 11/6/1961, em Juiz de Fora; em 1º/6/1964, em Belo Horizonte. Disse que o AA está presente, atualmente, em cerca de 186 países, com 120 mil grupos de ajuda que atendem a mais de 3 milhões de pessoas. Explicou que as reuniões dos grupos do AA ocorrem em locais cedidos por escolas, igrejas e outros, e que há reuniões abertas e fechadas. Explicou que as reuniões abertas são de livre acesso para qualquer pessoa interessada; já das reuniões fechadas, participam apenas as pessoas em tratamento. Disse que a orientação de tratamento é para que haja a total abstinência do uso de álcool. Informou que existem 12 passos a serem observados pelo recuperando, dos quais podem ser enumerados: 1) a pessoa precisa reconhecer que é alcoólico e que não possui mais o domínio de vontade; 2) o recuperando precisa acreditar em um "poder superior", que cuidará dele, podendo ser "um deus qualquer". Nesse ponto, destacou que até mesmo alguém que não possui crença religiosa deverá indicar algo para venerar e crer; 3) procede-se a um "inventário moral do recuperando"; 4) o recuperando roga para que o ente superior remova seus defeitos de caráter e suas imperfeições; 5) o recuperando deve se colocar de modo humilde perante a dependência química; 6) o recuperando deve tentar reparar os danos que provocou a outrem durante seu estado de dependência. Ressaltou que o recuperando deve, no entanto, avaliar se a busca pela reparação pode não ser mais gravosa do que a própria reparação, caso em que, então, deveria esquecer esse intento da reparação; 7) após algum

tempo em tratamento, o recuperando refaz o "inventário moral" a fim de avaliar sua evolução ou não; 8) tendo se recuperado, a pessoa que passou por esse tratamento se compromete a levar a mensagem do AA a outras pessoas em sofrimento. Divulgou bibliografia variada sobre o tema, indicando que ela pode ser acessada na sede da entidade: Rua da Bahia, 504, salas 701 a 702, informando *e-mail*, ctosede@mg.aabrasil.org.br, e telefone, 3224-7744. Afirmou que o AA está à disposição de quem precisar da ajuda dessa instituição.

10h5min - Pronunciamento

O vice-prefeito de Belo Horizonte, Paulo Lamac, elogiou a iniciativa dos presentes de se unirem para discutir o tema. Disse que o poder público e a sociedade precisam buscar, sempre, modos de possibilitar a reinserção social dos dependentes químicos. Ressaltou que esse empenho de todos deve persistir, mesmo diante das dificuldades e do conhecimento de que há casos de recuperação bem sucedida para dependentes químicos em outros países. Disse que o conhecimento dessas intervenções deve servir de motivação e inspiração para os brasileiros perseguirem seu trabalho de ajudar ao próximo. Elogiou o trabalho dos grupos de autoajuda, citando o AA. Defendeu a adoção de métodos variados para atender os dependentes químicos, argumentando que cada recuperando possui sua individualidade e, em razão disso, possui o direito a um tratamento próprio. Disse conhecer razoavelmente as preocupações dos dependentes químicos, pois atuou como presidente na Comissão Especial para o Enfrentamento do *Crack* e de Assuntos Municipais e Regionalização da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais - ALMG. Contou, que nesse período, sentira inquietação com o fato de que, mesmo havendo tantas pessoas dispostas a agir em prol desses dependentes químicos, não havia convergência nas ações que desenvolviam. Exemplo dessa desagregação, segundo ele, foi percebido na própria comunidade terapêutica em que havia a defesa de estratégias diferentes de abordagem do dependente químico e não chegavam a um consenso. Compartilhou o relatório final da comissão da ALMG: os dependentes químicos impactam a sociedade mediante a prática de atos de violência e geravam despesas para o Estado, como custos carcerários, já que muitos deles acabavam

indo para presídios. Informou que a comissão da ALMG pugnou por ações preventivas, visando a recuperar os dependentes químicos e impedir que eles fossem levados para o encarceramento. Disse ter sido interpelado por repórter da Radio Itatiaia, assim que chegou à CMBH, para responder sobre quais ações da PBH para minimizar a realidade dos usuários de drogas. Disse que a melhor solução para o problema é a união de todos aliada ao respeito às diferenças de pensamento teórico, religioso entre outros. Referiu-se à experiência positiva de Portugal, cujo modelo interventivo deveria servir de inspiração para o Brasil. Conclamou a todos a encontrarem meios mais eficazes de ajudar os dependentes químicos, tendo em vista que a realidade nos mostra uma ineficácia das políticas públicas adotadas. Defendeu a adoção de novas estratégias e declarou haver pouco resultado nas medidas preconizadas pela Secretária Nacional de Políticas sobre Drogas - Senad. Sugeriu a disponibilização de tratamentos variados aos dependentes químicos, justificando que cada um, por apresentar sua individualidade, deve ter o direito de escolher o tratamento que lhe convier. Disse ser preciso acolher o usuário de drogas no âmbito administrativo, ao invés de encaminhá-lo ao Judiciário ou à polícia. Afirmou que os desafios da sociedade serão superados com a participação da sociedade. Disse que o Brasil passa por uma crise econômica, com a diminuição de recursos financeiros destinados a áreas sociais, mas a união das pessoas, sem as vaidades de seus pensamentos, pode avançar para a solução dos problemas. Criticou aqueles que se escoram na falta de recursos financeiros para deixarem de enfrentar determinados problemas sociais e aqueles que utilizam suas energias para aumentar desavenças ao invés de buscar uma solução positiva.

10h35min - Palestra

Palestrante: João Francisco de Souza Duarte, psicólogo com especialização em Dependência Química, bacharel em Filosofia, coordenador regional em Belo Horizonte da Feae; foi conselheiro municipal de Políticas sobre Drogas nos municípios de Lagoa Santa e de Belo Horizonte.

Síntese da palestra: foi exibido um vídeo sobre os Narcóticos Anônimos - NA, em que foram feitos os seguintes destaques: 1) a entidade pode ser encontrada em mais de 126 países, realizando cerca de 40 mil reuniões por semana; 2) no Brasil, existem cerca de 800

grupos de autoajuda; 3) o NA vendeu , em 2017, mais de 6 milhões de livros sobre o tema, produzidos em mais de 23 idiomas; 4) o NA é uma entidade sem fins lucrativos que oferece condições para que o usuário de drogas possa encontrar uma nova maneira de viver, a partir de uma rede de apoio de outras pessoas; 5) o NA não oferece aos assistidos: internação, serviços da natureza psiquiátrica, jurídica, financeira ou médica; 6) o NA elege como princípio a ajuda mútua em reuniões abertas, destinadas ao público, e reuniões fechadas, destinadas às pessoas em tratamento; 7) o NA entende por droga qualquer substância que altere a mente ou o humor, inclusive a maconha e o álcool; 8) o NA não se manifesta sobre cafeína, nicotina e açúcar; 9) o NA entende por adicto a pessoa cuja vida é controlada pelas drogas e constata que a pessoa que não procure o tratamento acabará em prisões ou morrerá; 10) o adicto adquire dependência fisiológica, psicológica, problema comportamental, moral e familiar; 11) o NA avalia que a dependência de drogas é uma doença progressiva e que compromete toda a família do dependente químico; 12) o adicto possui obsessão para o uso da droga, ainda que isso venha a exigir a destruição de vidas; 13) o adicto age de modo compulsivo em relação ao uso das drogas e é incapaz de interromper esse consumo sozinho; 14) o adicto nega ter problema com a droga e é comum que ele substitua a droga usada por outra por acreditar que o problema que sofre tem haver com a droga que estava usando; 15) o adicto diz que, se tivesse condições, conseguiria cessar o uso da droga; 16) é natural que o adicto se isole em determinados lugares distanciados das pessoas; 17) há procedimentos que devem ser adotados pelos adictos para que se recuperem das drogas; 18) o NA acredita que qualquer adicto pode parar de usar drogas, perder o desejo de usá-las e encontrar uma nova maneira de "viver só por hoje". O expositor, ao final da exibição do vídeo, alertou as pessoas para não se deixarem levar por notícias falsas (*fake news*), que, às vezes, comprometam negativamente a imagem de instituições sérias, como as que participam desse trabalho e contribuem, positivamente, para recuperação de pessoas envolvidas em drogas. Mencionou a recente *fake news* veiculada na mídia de que a China exporta ovos de plásticos para o mundo. Em situação semelhante a essa, disse que algumas entidades que realizam tratamento a usuários de drogas de modo involuntário são severamente criticadas, mas os que caluniam não se dispõem a investigar com maiores detalhes o trabalho sério e dedicado que as entidades promovem, a exemplo da Centradeq. Pediu às pessoas que ajam com senso crítico ao se depararem com reportagens duvidosas. Disse que cada adicto possui necessidades

específicas para seu tratamento, o que afasta a ideia propagada por alguns de que poderia haver um só tipo de protocolo para o tratamento.

10h55min - Palestra

Palestrante: Ivan Pinto, *coach*, especialista em distúrbios comportamentais derivados do uso de álcool e outras drogas, técnico em dependência química (Febract e Feteb), sócio e coordenador terapêutico da Centradeq.

Síntese da palestra: declarou ter sido um "adicto em recuperação", que usou drogas por cerca de 25 anos, período no qual acessou todo o tipo de tratamento. Registrou que sua abstinência às drogas foi alcançado graças à autoajuda. Contou que, durante o período em que fez uso de drogas, enfrentou os mais diversos tipos de problemas na família e na sociedade, além de cometer inúmeras infrações penais. Em estado bem avançado da dependência química e pesando mais de 160 quilos, contou que cometia violência doméstica e se submeteu à internação involuntária. Defendeu essa medida, argumentando que foi o que restou aos seus familiares para conter sua ação violenta e a venda de objetos da residência praticada por ele. Disse que o tratamento voluntário encontra-se à disposição do dependente químico em entidades, como o Centro de Referência de Assistência Social - Cras, o Centro de Atendimento Psicossocial Álcool e outras Drogas - Caps-ad, as entidades religiosas e as irmandades de autoajuda. Ressaltou que a Lei nº 10.216/01, de 6 de abril de 2001, que trata da proteção e dos direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais, dispõe, no art. 6º, a possibilidade da internação psiquiátrica involuntária, que não é uma medida confortável para os familiares, mas em casos extremos é a necessária. Contou que seu estado de dependência de drogas era absurdo, pois o induzia à prática de atos inimagináveis a uma pessoa considerada normal: furtar seus pais e não dar comida a seus filhos. Afirmou que, em um estado psicológico tão fragilizado, o dependente químico necessitará da ajuda forçada da internação, sob pena de, cada vez mais se, "afundar gradativamente no poço" até morrer. Disse haver cerca de 300 pessoas nessa situação em Belo Horizonte, vivendo na "cracolândia de BH", na Avenida Antônio Carlos, desamparadas pelo poder público e que precisam urgentemente de uma intervenção involuntária, senão podem morrer. Disse que a descriminalização das drogas tem contribuído para esse agrupamento de pessoas nas ruas,

fumando maconha ou *crack*, o que impede uma ação repressora da Polícia Militar. Conclamou o prefeito e os vereadores a ajudarem esses dependentes de drogas que se encontram naquele trecho da Avenida Antônio Carlos. Afirmou que o dependente de drogas necessitará de apoio psiquiátrico, psicológico, físico e espiritual. Disse que a clínica de tratamento de dependentes químicos que dirige atende 80 internados, que recebem um apoio multidisciplinar. Disse que a situação das drogas é tão grave que toda família possui alguém envolvido nela. Avaliou haver pouco investimento do poder público em políticas de prevenção às drogas, como levar às crianças informações, via propaganda, sobre a gravidade desse mal. Disse que o usuário de *crack* se torna um zumbi dentro de casa, ou seja, a família terá alguém que não decide mais os rumos da vida. Disse se orgulhar do trabalho da Centradeq, pois sua equipe de profissionais conseguiu recuperar cerca de 66% dos internados. Contou que o trabalho dessa clínica é transparente, tendo os familiares do dependente químico acesso às instalações e ao tratamento. Alertou para o fato de que, em estado avançado da dependência química, o usuário irá pensar em suicídio. Disse que isso aconteceu com ele, pois a autoestima da pessoa é muito baixa pelo fato de os familiares não mais acreditarem nele. Defendeu que o poder público promova ações de ajuda não apenas ao usuário de drogas, mas aos familiares. Foi exibido um vídeo da clínica de tratamento Centradeq, mostrando as instalações físicas e as atividades desenvolvidas com o recuperando de drogas. Disse que se sente um pouco impotente na luta de ajuda a dependentes de drogas, pois existem muitas pessoas necessitando de tratamento, e o poder público não dispõe de recursos financeiros suficientes para eles. Convidou a sociedade a participar dessa ação, seja colaborando na Centradeq ou em outras entidades. Disse que a Centradeq pretende ampliar seu atendimento, por isso iniciou a terraplenagem de terreno para a construção de novas instalações e espera contar com o apoio de colaboradores. Disse ser importante a existência de unidades de internação à disposição da família de dependentes químicos, pois, em momento de crise, a família fica desesperada e não sabe o que fazer com o usuário. Tem ainda, contou o expositor, o fato de que essa crise não tem hora para acontecer, podendo ocorrer de madrugada ou no feriado, e o usuário não pode esperar o horário comercial para ser atendido. Elogiou a dinâmica de tratamento feita em 12 passos. Disse que pode ser desestimulante para aqueles que atuam na ajuda de dependentes químicos saber que haverá uma parcela desses usuários que não irão se recuperar das drogas. Contudo, os integrantes da

Centradeq, continuarão a se empenhar no tratamento das pessoas e na crença em cada um dos recuperandos, embora, às pessoas, seja dado o livre-arbítrio. Convocou a todos a se unirem no "exército do bem" para ajudar os dependentes químicos. Contou que, em ações pequenas, pode-se conseguir retirar alguém das drogas. Citou o exemplo da Centradeq, que distribui todas às sextas-feiras cachorro-quente a usuários da "cracolândia de BH". Nesse contato, disse terem conseguido retirar 81 pessoas do uso das drogas, número que ele considerou vitorioso. Disse que, como ele, outros usuários podem ser o orgulho de suas famílias. Declarou que hoje seus pais e sua filha o admiram pelo que faz, o que é a prova de que outras pessoas podem também fazer o mesmo. O vice-prefeito Paulo Lamac encerrou sua participação no evento, sob a justificativa de que precisaria comparecer em outra reunião.

11h15min - Palestra

Palestrante: Wesley Reis Coelho, representante da Abraço

Síntese da palestra: disse ser preciso gerar nas pessoas a consciência da transformação. Disse que a Abraço é uma entidade do terceiro setor, que atua na prevenção do uso de drogas, oferecendo tratamento ao usuário e consultoria jurídica. Informou que a Abraço não atua apenas no Município, mas possui ações com abrangência em todo o território nacional, como o apoio na criação de outras entidades com esse fim social. Disse que a Abraço foi uma criação do ex-vereador Elias Murad, falecido em 2013, um lutador incansável pela causa. Informou que o ex-vereador Elias Murad foi um dos responsáveis pelo texto do art. 243 da Constituição da República Federativa do Brasil - CRFB, que previu a expropriação de bens utilizados em decorrência do tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins com a reversão para um fundo especial com destinação para entidades de tratamento. Disse que ao ex-vereador se atribui, também, a luta para que houvesse o alerta de doença em maços de cigarros. Lembrou que dele também é a ideia contida em projeto de lei em tramitação no Congresso Nacional que dispõe sobre a restrição ao uso e à propaganda de bebidas alcoólicas. Contou ser um "adicto em recuperação". Defendeu que a sociedade precisa se ater ao senso de responsabilidade, multiplicando a ideia da ajuda ao próximo, e não difundir

o senso de juízo, que acusa e julga o usuário de drogas. Disse que a Abraço realiza atendimento ambulatorial, com disponibilização de psicólogo e psiquiatra, trabalho que, nesses mais de 30 anos de existência, recuperou mais de 150 mil pacientes, o que corresponde a mais de 80% dos tratamentos realizados em Belo Horizonte. Corroborou com a fala do vice-prefeito de Belo Horizonte, Paulo Lamac, e do representante da Centradeq, Ivan Pinto, de que existem dependentes químicos que precisarão da internação involuntária. Disse que cada paciente é de um jeito, por isso, cada um deve ter o tratamento mais adequado ao seu caso. Reivindicou apoio financeiro para a Abraço, que, desde 2013, sofre com dificuldades financeiras para atender à demanda de pessoas que procuram por atendimento. Disse que o atendimento ambulatorial na Abraço está sendo realizado pela contribuição voluntária de dois psicólogos e psiquiatras, já que, desde agosto de 2017, a entidade não conta com o repasse de recursos financeiros do poder público. Criticou a mídia por manter a veiculação de determinadas mensagens que, a seu ver, impactam negativamente a vida dos jovens, citando o movimento em defesa da liberalização do uso de drogas como a maconha. Ressaltou não ter a resposta sobre esse tema, mas a divulgação na mídia promove um impacto social que não considera positivo. Lembrou que o ex-vereador Elias Murad, quando pensou em fundar a entidade, a partir de seus conhecimentos farmacêuticos, constatou que as substâncias de algumas drogas ilícitas causam mal grave à vida das pessoas. Alertou para o fato de que, se houver a liberalização do uso de drogas, deverá triplicar o número de pessoas dependentes. Pediu aos eleitores que acompanhem o posicionamento de políticos a favor ou contra determinada proposta, para que, nas próximas eleições, escolham o candidato segundo os valores que eles querem ter na sociedade. Disse que toda ação em favor de retirar as pessoas da dependência é bem-vinda. Citou o exemplo de 3 alunos que conseguiu "retirar das drogas" após realizar palestra em escola sobre os males que as drogas provocam na vida das pessoas. Conclamou todos a atuarem com senso de responsabilidade social, ajudando no resgate de usuários de drogas.

11h30min - Palestra

Palestrante: Belisário Gomes Pena, terapeuta em Dependência Química desde 1984, delegado da Febract MG e membro do Conselho Nacional da Febract em 1990, conselheiro municipal de Políticas Públicas sobre Drogas de Belo Horizonte.

Síntese da palestra: disse que a criação da Febract, em1990, surgiu após a Organização das Nações Unidas - ONU, tratar a questão dos dependentes químicos. Explicou que a ONU destinou recursos para o Brasil e eles não eram aplicados, ficando retidos em Brasília. Mencionou a participação dedicada do Padre Haroldo nesse início de fundação da Febract. Disse que, em Pedro Leopoldo, existe uma unidade da Febract, da qual é o diretor. Informou que essa entidade realiza as seguintes atividades: 1) capacitação de pessoas que irão atuar como conselheiros aos dependentes químicos; 2) formação especializada a universitários com formação afim ao tema; 3) formação de gestores de entidades que atuam nessa área. Disse que a Febract possui um código de ética que todas entidades terapêuticas devem seguir, ressaltando que são feitas visitas físicas às unidades por profissionais dessa federação. Informou que a fiscalização das unidades físicas avalia 146 itens, dentre os quais se destaca a observância aos princípios da dignidade da pessoa humana, do acolhimento voluntário, do ambiente livre de drogas e da não violência ao recuperando. Disse que a comunidade terapêutica é treinada para que seja feita entrevista ao recuperando, com a identificação de seu perfil para que se busque o tratamento indicado para ele. Ressaltou que tanto o recuperando quanto sua família tomam conhecimento sobre o tratamento, e os familiares participam desse tratamento, pois podem estar relacionados à causa do uso das drogas. Disse que a Febract se preocupa com a reinserção social do recuperando. Informou que, em Belo Horizonte, há 4 entidades terapêuticas filiadas à Febract, avaliando ser um número pequeno diante da demanda por terapias. Disse que existem ações no sentido de inibir a atuação terapêutica de unidades filiadas à Febract na Região Metropolitana de Belo Horizonte - RMBH. Contou que o Estado de Minas Gerais firmou o convênio com entidades filiadas à Febract para o atendimento de apenas oito recuperandos, para um total aproximado de oito milhões. Afirmou que a Febract possui assento no Conselho Nacional Antidrogas. Reivindicou do Estado de Minas Gerais a formalização de convênios com entidades terapêuticas para tratar um maior número de dependentes de drogas. Disse que o Estado de São Paulo possui convênio no valor de R$30 milhões ao ano, firmado com entidades filiadas à Febract, enquanto, no Estado de Minas Gerais, o orçamento do governo destinado ao programa antidrogas é de somente R$8 milhões. Cobrou alteração na política municipal de atendimento aos recuperando em drogas, de modo que seja ampliado o atendimento.

11h45min - Palestra

Palestrante: João Francisco de Souza Duarte, psicólogo com especialização em Dependência Química, bacharel em Filosofia, coordenador regional em Belo Horizonte da Feae, foi conselheiro municipal de Políticas sobre Drogas em Lagoa Santa e Belo Horizonte. O palestrante apresentou eslaides com o seguinte conteúdo: 1) citou pensamento de Sorem Kierkgaard, "(...) ou é a palavra que cria o indivíduo, ou é o silêncio que o nutre e produz", ao qual enfatizou ser por meio da palavra que criamos o espaço onde nós nos reconhecemos; 2) em pesquisa realizada, em 2013, pelo Levantamento Nacional de Álcool e Drogas - Lenad - constatou-se que cerca de 6% da população brasileira é dependente de álcool, maconha ou cocaína, o que implica dizer que 28 milhões de brasileiros possui alguém da família nessa situação; 3) em pesquisa de 2015, realizada pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, constatou que 16% da população, cerca de 416 mil pessoas, atende aos critérios de dependência, que são aquelas pessoas que possuem transtorno mental em razão do uso de drogas. Alertou para o fato de que nesse percentual não estão incluídas pessoas que fumam um baseado de vez em quando ou bebem uma cerveja no final de semana. Noutras palavras, disse que uma população de, aproximadamente, 1.225.000 pessoas sofrem de algum modo por conta do dependente químico, se considerarmos que, ao dependente, estão vinculadas três pessoas de sua família. Pode-se igualmente deduzir que quase a metade da população belo-horizontina sofre com o problema; 4) contabilizou o custo do consumo de cerveja por um dependente, à média de 2 latas de cerveja consumidas ao dia, a um custo de R$5,50 a lata, totalizando cerca de R$100 milhões por mês. Contabilizou o consumo de maconha e de cocaína/*crack*, à média de 0,5 gramas por dia por pessoa, estimando que são consumidas mais de 10 toneladas por mês; 5) a família que vive com um dependente químico precisará de recorrer a um plano bem estruturado para recuperar seu ente querido. Essa estrutura de apoio é composta por grupos de mútua ajuda, que podem colaborar no tratamento do recuperando e de sua família deste. Explicou que, conforme estudo desenvolvido no hospital psiquiátrico em que trabalha com esse público, há recuperação em 80% dos casos que conta com os grupos de autoajuda; 6) a família deve fazer um confronto responsável com as condutas antissociáveis do dependente químico, o que não é fácil. Para isso, asseverou que amar é exigir comportamento social compatível com uma vida saudável; 7) o programa "Toughlove" foi criado em 1972, segundo o qual os familiares do usuário de drogas recebem

orientação de impor a mudança em comportamentos intolerantes que o dependente pratica. 8) em Minas Gerais, há 77 grupos cadastrados que trabalham com o intuito de ajudar os familiares do dependente químico; 9) ressaltou que os 77 grupos realizam trabalho de qualidade e sem ter a contrapartida de recursos financeiros provenientes do poder público; 10) em Belo Horizonte, disse que existem 5 grupos do Amor Exigente, sendo distribuídos: 1 na Abraço, 1 no SOS Drogas, 1 na Alegria, 1 na Vida Sim e 1 no Amor Exigente na Terra da Sobriedade; 11) em Belo Horizonte, em 2017, o grupo Amor Exigente prestou assistência a 4.300 pessoas. Atribui o aumento no número de pessoas atendidas à difusão da existência dessa espécie de tratamento; 12) a receita da entidade provém de pagamento voluntário dos dependentes, de doações, da venda de livros e da oferta de cursos de capacitação; 13) a AE participou da Conferência Municipal de Combate às Drogas, quando expôs o programa, as metas e as ações da entidade. Ressaltou a importância de se conhecer a realidade das drogas no Município e saber trabalhar com as armadilhas das emoções de recuperandos e de seus familiares. A AE avalia o comportamento das pessoas em sofrimento, elabora planos de ação, cujo conceito compreende ser: "o efeito colateral de relações mutuamente respeitosas". Explicou ser preciso que o respeito de alguém pelo outro deve ser na mesma proporção em que recebe o amor; 14) as mulheres acima de 51 anos são as participantes, em maioria, dos grupos do AE, pois procuram a entidade em razão dos problemas que sofrem com filho, neto, irmão, sobrinho e pai; 15) disse que aqueles que procuram o AE, em sua maioria, já conhecem a dependência química do familiar há mais de 3 anos, e cerca de 30% deles tomaram conhecimento do problema há menos de ano; 16) dos que acessam o AE, a maioria busca tratamento ao familiar em clínicas e hospitais, mesmo quando há violência física cometida pelo dependente, já que, quando os familiares chamam a polícia não são atendidos, segundo informaram os entrevistados; 17) igreja e terceiro setor acolhem 1/3 desses dependentes, cabendo às entidades do serviços público 22% dos atendimentos; 18) cerca de 1/3 dos familiares realizam tratamento terapêutico em razão da convivência desgastante com o dependente químico; 19) 93% dos que fazem tratamento para a recuperação da dependência são homens, e destes, cerca de 58% estão na faixa etária de 30 a 40 anos; 20) a droga mais usada é a cocaína, cerca de 40% em relação às demais, seja na forma aspirada ou fumada; 21) mais de 40% dos que buscam tratamento no AE já haviam recebido outro tipo de tratamento, o que mostra que não houve efetividade da intervenção anterior; 22) cerca de

40% desses dependentes químicos, entre os 30 a 40 anos, vivem hoje na casa de seus familiares. Indagou como ficam as liberdades individuais e o respeito a direitos humanos dos familiares que possuem um dependente químico em suas casas. Após a apresentação dos eslaides, afirmou ser preciso eliminar do dependente químico o uso abusivo das drogas, até porque eles não nasceram com um copo de bebida alcoólica na mão nem com um cigarro na boca. E sentenciou: "Eu amo você, mas não aceito o que você faz de errado".

11h50min - Perguntas e respostas

João Francisco de Souza Duarte, em resposta à pergunta sobre a efetividade das políticas públicas de prevenção ao uso de drogas, considerou que essas políticas são pífias. Isso, segundo ele, foi constatado a partir de pesquisa que realizou com um grupo de jovens estudantes. Conforme declaram mais de 80% desses, inexistem ações do governo para a conscientização dos efeitos maléficos do uso e do abuso de bebidas e outras drogas. Disse que não convidou outras entidades que atuam na área em debate, porque quis priorizar, neste seminário, a exposição de experiências acertadas de serviços no tratamento de dependentes químicos. Declarou que essas outras entidades participam quando está em debate a proposição de políticas pública, em audiências públicas para abordar algum tema específico.

O representante da Abraço, Wesley Reis Coelho, explicou que a entidade subsistiu, por mais de 30 anos, com quase exclusivamente a receita provenientes de recursos públicos. Atualmente, explicou que a receita da entidade é proveniente de bazares, recursos do Estado de Minas Gerais que se encontram atrasados desde agosto de 2017, de repasses da Senad, de doações e de contribuições simbólicas de pacientes. Disse que incumbe ao Ministério Público fiscalizar as clínicas de tratamento e fazer as intervenções necessárias. Sugeriu aos familiares que visitem as clínicas de internação, conversem com os internos sobre os serviços, o que pode evitar surpresas desagradáveis após a internação. Informou que o funcionamento dessas clínicas deve seguir a Resolução de Diretoria Colegiada - RDC - da Agência Nacional de Vigilância Sanitária nº 50/02, que dispõe sobre as condições de funcionamento das clínicas de tratamento.

O representante da Febract, Belisário Gomes Pena, explicou que o valor cobrado pela

Febract para a realização de cursos de formação não é tão elevado como afirmara a participante do seminário. Avaliou se tratar de um valor justo, pois, nesse montante, estão inclusas a hospedagem, a alimentação do aluno e a remuneração dos professores de qualidade comprovada. Acrescentou que a Febract não conta com ajuda financeira do poder público ou de qualquer outra entidade para a realização de seus cursos de capacitação. Disse que as sugestões de temas são bem-vindas e que o tema da reinserção social do dependente químico integra alguns dos cursos.

João Francisco de Souza Duarte solicitou à assessoria do vice-prefeito de Belo Horizonte que responda, via *e-mail*, a indagação feita sobre qual o investimento e qual a política pública são direcionados às escolas públicas municipais para dependentes químicos.

11h55min - Encerramento

O representante da Feae, João Francisco de Souza Duarte, agradeceu a todos que participaram do seminário e contribuíram para esclarecimentos sobre o tema. Disse que os participantes estão à disposição daqueles que necessitam de ajuda.